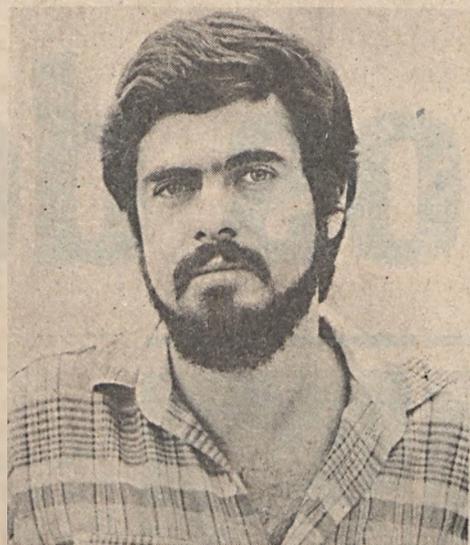


# Metrô de superfície, logo

A construção de um metrô de superfície, para ligar o Plano Piloto às cidades-satélites, é a sugestão técnica apresentada por quase todos os parlamentares para resolver o problema de transporte no Distrito Federal. O fim da integração, que determina um maior atraso na chegada ao trabalho, é outra proposta. Mas há quem aconselhe também a estatização deste serviço. Não visando ao lucro, o governo poderia proporcionar maior conforto aos usuários, além de baratear a passagem.

O primeiro a fazer esta proposta é Augusto Carvalho. Ele afirma com convicção: "A nossa proposta é simples: transporte é serviço público, não pode ser utilizado como mercadoria, para satisfazer a ganância de empresários inescrupulosos". Carvalho lembra que "o nosso transporte coletivo é um dos mais precários, mas um dos mais caros do País. O problema está na existência de um oligopólio de linhas. Em data recente, as linhas mais rentáveis foram para as empresas privadas, enquanto a TCB ficou com as deficitárias. Isto é um absurdo".

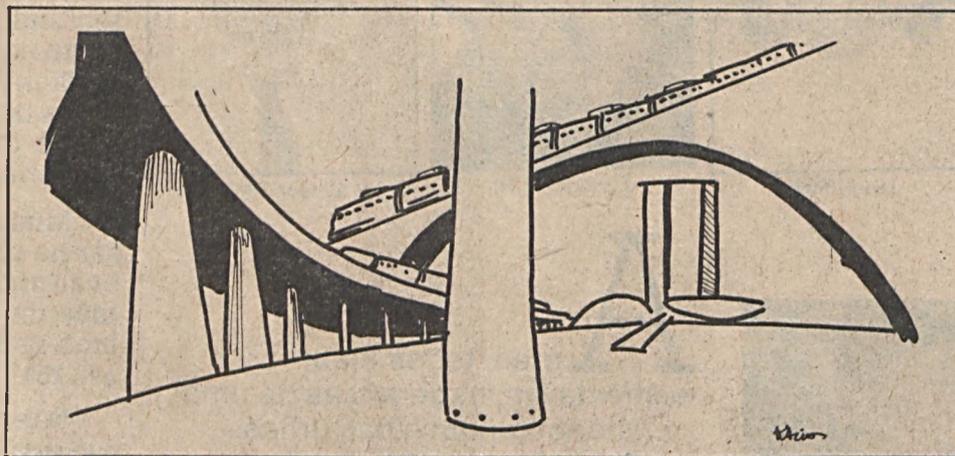
Geraldo Campos concorda plenamente com esta idéia, afirmando que "transporte urbano é obrigação do Estado. Não deve ser entregue à iniciativa privada. Mas aqui ocorre um contra-senso: as linhas deficitárias estão com a TCB, enquanto as rentáveis ficam com a iniciativa privada". Sobre as alternativas de ordem técnica, salienta que existem várias, como o metrô de superfície. "Mas, seja qual for esta alternativa, deve se adaptar a este princípio que defendemos, ou seja, não deve ser entregue à iniciativa privada, que vem se beneficiando da exploração do transporte coletivo há muito tempo".



Augusto



Geraldo Campos



O senador Maurício Corrêa também chega a pensar na estatização como uma solução para o problema, já que o transporte é uma das necessidades básicas do trabalhador, assim como a saúde e a educação. "Talvez o trabalhador goste com o transporte parte do que falta na sua mesa", argumenta o senador. Mas ele analisa com mais cuidado a questão e chega à conclusão de que o reexame das concorrências pode ser uma solução menos ra-

dical.

Já o deputado Valmir Campelo tem uma posição mais firme contra a estatização: "Talvez não venha solucionar o problema, porque requer uma estrutura muito grande, que acabaria onerando o custo". Mas ele reconhece que é necessária uma nova alternativa, porque "o usuário tem um transporte muito caro e que não atende às suas necessidades. Talvez o metrô seja a solução".

A estatização também

não está nos planos do senador Meira Filho. "Quanto menos estatização, melhor. Deve haver só naquelas áreas de alta responsabilidade do governo, como Banco do Brasil, Petrobrás ou na área de minérios. Transporte coletivo com estatização não funciona. Já a idéia do metrô me agrada muito. Temos que fazer um levantamento sobre as opções que temos".

O deputado Francisco Carneiro apresenta uma destas soluções. Ele acha

que "só há uma forma de baratear o transporte coletivo: fazendo o adensamento populacional da cidade. Isto viabilizaria o transporte de massa, com o metrô de superfície. O que ocorre atualmente é o seguinte: um ônibus anda 40 quilômetros com 100 passageiros, do Plano Piloto às cidades-satélites. Em São Paulo, a média é de 400 a 450 pessoas no mesmo trajeto, porque há os passageiros intermediários. Assim, a viagem é dividida por um número maior de pessoas".

A idéia do adensamento populacional agrada à deputada Maria de Lourdes Abadia, porque "isto traria uma maior rotatividade no transporte coletivo". Mas sua preocupação mais imediata é com o fim da integração, que prejudica demais os moradores de Taguatinga e Cellândia. Para pegar dois ônibus até chegar ao Plano Piloto, os trabalhadores precisam levantar bem mais cedo, além de esperar muito tempo nas paradas. Na questão da estatização ela fica em dúvida: "Tem pontos positivos e negativos. Nos lugares onde há condições de manutenção deste serviço, acho que pode ser".

Para Márcia Kubitschek, o transporte coletivo do Distrito Federal "é arcaico e deficiente, devido à configuração da cidade, que é atípica. O problema é a distância entre as cidades-satélites e o Plano. Você pega um ônibus na rodovial e desce na Cellândia. Isto faz com que o transporte seja caro e desconfortável. A única solução é a massificação do transporte, através do metrô de superfície. Como a cidade é plana, a sua implantação seria facilitada". Ela tem uma única preocupação: não destruir a beleza estética da cidade. Assim, quando entrasse no Plano Piloto, o metrô deveria emergir um pouco.